

SOLITUDE

ANTÔNIO SALES

*Lábios cerrados, olhos cismadores,
Longe das ruas uma deusa vive,
Em cuja doce companhia estive
Uns breves dias, sem cuidado e dores.
Mora num templo vegetal, cercado
De paz, de sons, de bençãos, de perfume.
Não há tristeza, como se presume,
No seu reino encantado.
Se o almo silêncio põe a mão na boca
Que vocifera ou zomba,
Que mente ou que blasfema,
Estertorosa ou rouca,
Deixa, entanto, cantar a agua que tomba
Da rocha, e a asa das aves desalgema
Para que, livres, soltem seu gorgoeio.
De flores olorosas
Traz sempre ornado o seio
Dentro do qual palpita,
Em ânsias generosas,
Um coração magnânimo, em que habita
A cândida alegria,
A plácida bondade.*

*Entre os bons gênios que ela acolhe nesta
Mansão florente ao claro sol de Junho,
Encontra-se a Poesia,
A coroa na frente, a lira em punho,
Uma estrofe a colher em cada fresta
De sol, em cada ramo verde, em cada
Flor silvestre que ri da densa alfombra,*

*Na longe serra azul com lares brancos,
Nos fundos vales, onde tece a sombra
A tênue gaze fria
Para vestir a Névoa imaculada
Que de manhã se ajoelha nos barrancos,
Em sua prece ao dia.*

*Amor, Silêncio, Paz, Felicidade,
Pãs, Silfos, Ninfas, Náíades, Camenas,
E mil divinos seres
Vagueiam nos domínios da deidade,
Estes tangendo cálamos e avenas,
Aqueles a cantar... Mas para os veres,
Para os ouvires, nesta idade ingrata,
Que te faz surdo e cego,
Urbanita tristonho,
F' mister que o condão do gênio grego
Te revele a alma rústica da mata
Com seus mistérios de Beleza e Sonho.*

*E' mister que, liberto
Do vil cuidado que o viver te afeia,
Possas povoar de imagens o deserto,
E ler na clara areia,
Como num livro aberto,
Os hinos que as Oréades em bando,
Ao som de harpas e crótalos, na estrada
Soem traçar, bailando.
E' preciso que rendas
Um culto à Natureza
Pelas gentes ignaras desprezada,
E, para amures, é mister que a entendas
Em sua augusta e salutar beleza.
Deves sorrir quando sorri a aurora,
Vibrar com a luz, e, quando o sol se abisma,
E a sombra vem caindo, e a rola chora,
Embriagar-te de cisma.*

*Se de vilão não tens uma alma estulta
E um coração de rocha,
Para, reflete e exulta
Contemplando um botão que desabrocha
E ouvindo o sabiá, que no balseado
Canta as lendas da mata,
Como um sagrado aêdo.
De um palácio a pomposa colunata,
Crê, não vale uma aléia de palmeiras,
Porque a palmeira é uma coluna viva,
Que vibra, canta e geme
Entre os liames sensuais das trepadeiras,
Como um corpo que freme
À carícia lasciva
Dos braços de um amante.*

*Oh, mísero habitante
Dos presídios sociais, que por menagem
Apenas tens a rua
E as árvores das praças por paisagem :
Mesquinha é a vida tua
De ser artificial, que não te integras
Na gênese do bosque nem da leiva,
Que com as flores do campo não te alegras,
Que não sentes a seiva
Da terra-mater te pulsar no sangue.
Teu pobre corpo é como
Essa planta de vaso chocha e exangue
Que te enfeita a janela e não dá pomo,
O pomo da alegria e da coragem.*

*Ai de ti! Ânsia inutil
É pretender que veja a natureza
A gente enferma e futil
Que jamais olhos tem para a beleza
Da rústica paragem.*

*Aquí me apraz viver : na solitude
Onde mora a poesia e reina a calma,
Me anima a sinergia da saude,
Vigor dos nervos e sossego da alma.*

*Sinto que à luz desta paisagem rude,
Que a torva estrige da tristeza ensalma,
A vida é como as aguas deste açude,
À cuja beira ondeia a verde palma.*

*Das ruas o fremente borborinho
Aquí não chega; os rábidos clamores
Da multidão se extinguem no caminho....*

*E o coração vai, como os beija-flores
No cálice da flor bebendo o vinho,
O nectar que dilue todas as dores.*

